

## **O RECREIO COMO LUGAR DE PESQUISA DA CULTURA DE PARES INFANTIS**

Karla Righetto Ramirez de Souza – CAP/UFRJ e PPGE/UFRJ

O presente texto discute parte dos resultados da pesquisa de doutorado que tem como tema as culturas de pares infantis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, cujo campo empírico é uma escola federal de ensino e os sujeitos pesquisados são crianças na faixa etária de 6 a 8 anos, matriculadas nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. O *locus* das observações das interações das crianças foi o pátio da escola, no horário do recreio.

O trabalho tem como referência a concepção de infância pautada nos estudos da antropologia filosófica, de Walter Benjamin (2002), e nos da sociologia da infância, e intenta focalizar as *culturas de pares infantis* e suas interações com a *cultura material da infância*. Por *cultura de pares*, Corsaro (2009,p.32) define como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”. Cultura produzida pelas crianças que tem na escola um importante espaço de produção pela continuidade das relações que se estabelecem entre elas.

O horário do recreio no pátio foi escolhido tendo como base os estudos de Delalande (2001) que concebe o pátio como uma microssociedade. De acordo com a autora, no pátio da escola as crianças são livres para constituir seus grupos, independente da vontade dos adultos, aprendem entre elas a gerir as relações humanas, em uma igualdade de status e idade inexistente numa relação entre adultos e crianças. No recreio as crianças compartilham seus conhecimentos, experiências, frustrações, brinquedos. Compreender o recreio como espaço de aprendizagens e de construção da cultura de pares é entender que a aprendizagem se dá também em espaços informais e entre as próprias crianças.

Neste sentido, algumas questões motivaram a pesquisa: Como as crianças, atualmente, têm se relacionado umas com as outras? O que mostram e sobre o que falam quando estão entre seus pares? Que objetos carregam consigo e que são partilhados na escola? Como podem ser compreendidos os diversos objetos que participam das interações entre as crianças? Como a escola lida com determinados objetos? Conhecer e analisar as nuances e complexidade das interações que se estabelecem entre as crianças no espaço do recreio para melhor entender as crianças e pensar a educação.

O texto está dividido em três partes: a primeira traz um levantamento bibliográfico de pesquisas acadêmicas e produções midiáticas que têm abordado o espaço do recreio como momento de organização de pares das crianças do Ensino Fundamental. A segunda parte aponta para uma discussão sobre a cultura de pares infantis e sua relação com o tempo e o espaço do recreio. Finaliza com análises de parte do material empírico da pesquisa, que revelam como as crianças se apropriam do espaço do pátio de recreação, tornando-o lugar de produção de cultura e relações entre os pares.

### **O recreio nas pesquisas acadêmicas brasileiras nos últimos dez anos**

O que constitui as culturas infantis? Ao trazermos para o centro da discussão as culturas da infância produzidas e vividas durante o Ensino Fundamental, colocamos, nesse trabalho, o brincar como um dos traços fundamentais das culturas de pares infantis (Ferreira, 2004). Tomando este segmento de ensino como tempo/espaço de pesquisar as culturas de pares infantis, realizamos uma revisão bibliográfica a partir da análise de trabalhos reunidos nos anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no período de 2006 a 2011 e dos artigos indexados no site Scielo nos últimos dez anos. O objetivo foi mapear pesquisas recentes no campo educacional sobre infâncias, crianças e anos iniciais do Ensino Fundamental, focalizando o recreio.

A leitura dos resumos dos trabalhos apresentados no GT13 instaurou uma discussão sobre como a infância é concebida quando a criança passa a integrar os anos iniciais do Ensino Fundamental. Foram 101 trabalhos apresentados no período, destes escolhemos 7 que identificam as crianças como sujeitos concretos e de direitos (Flôr, 2010), atores sociais (Oliveira, 2010; Nascimento, 2009), trazendo a narrativa infantil como procedimento metodológico de pesquisa e investigação (Medeiros, 2011; Alves, 2011; Ohlweiler e Fischer, 2011).

A partir da leitura dos textos supracitados, podemos inferir que a discussão colocada pela Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2004) tem sido apropriada por alguns pesquisadores. Observa-se que é consenso a compreensão da infância como construção social, constituída por sujeitos concretos e de direitos, percebida como uma categoria histórica e estrutural da sociedade. Mas, são poucos os trabalhos que trazem uma discussão sobre a participação efetiva das crianças, sobre o que as crianças sabem, criam, produzem. Muitas pesquisas se referem àqueles que frequentam o Ensino Fundamental como alunos ou escolares. Vê-se que estudos acerca das culturas de pares, que consideram as crianças produtoras de cultura aparecem pouco

nesses últimos anos da discussão do GT 13. Apenas um trabalho, no período abordado, coloca a discussão sobre o brincar no Ensino Fundamental, denunciando que a brincadeira existe nessa etapa em tempos restritos, não sendo compreendida como momento de aprendizagem (Silvestri, 2010). Para esta autora o brincar é autorizado em poucos momentos na escola e em alguns espaços/tempos determinados, como por exemplo, o recreio.

Na revisão realizada no site Scielo, focalizamos a busca das publicações brasileiras, no período de dez anos, a partir da palavra recreio como descritor e encontramos 25 artigos publicados em diferentes periódicos. Ao observar o gráfico abaixo, podemos perceber que o momento do recreio vem ganhando relevância ao ser tomado como objeto/campo de pesquisa nos últimos anos.



Fonte: <http://www.scielo.org/php/index.php>. Acesso em 20 de março de 2013.

Ao ler os resumos dos artigos publicados, a partir do ano de 2006, percebe-se um maior interesse no recreio, como nesse campo específico de pesquisa, sendo contemplado nas áreas de Educação Física, Psicologia, Educação e Educação Especial. Os temas abordados referem-se ao estudo de gênero nas brincadeiras; implementação de projetos referentes à Educação Física; à ludicidade e o seu papel na interação das crianças portadoras de necessidades especiais; levantamento dos tipos de brincadeiras que aparecem no espaço escolar. Apenas um dos artigos refere-se ao recreio como espaço privilegiado de estudo da cultura infantil, relacionando-a com a questão do gênero (Cruz, 2012).

Além das pesquisas acadêmicas, o recreio tem ganhado também destaque no contexto das produções midiáticas. Foi lançado em 2012 um curta-metragem, *O fim do recreio*, pela Parabolé Educação e Cultura, com roteiro e direção de Vinicius Mazzon e

Nélio Spréa, que faz pensar sobre esse tempo proporcionado às crianças entre uma aula e outra.

O curta-metragem conta a história de Pedro e Felipe, de 8 e 9 anos, que se veem diante de um problema: o trânsito, no senado, de uma lei federal propondo o término do recreio escolar, com a justificativa da necessidade de mais tempo para o estudo. Nas palavras do fictício criador da lei “o recreio é uma perda de tempo. Lugar de criança é na sala de aula para melhorarmos nossos índices de desempenhos!”. Aflitos, Pedro e Felipe assistem a notícia na televisão e angustiados, chegam à escola. Com seus colegas, Felipe desabafa:

- Como uma pessoa foi imaginar acabar com a coisa mais legal da escola. Depois, dizem que o recreio é perder tempo. Olha só quanta coisa legal a gente faz!

Aparece uma cena das crianças no recreio. Algumas pulam, outras correm, jogam amarelinhas, brincam de pique esconde, conversam, cantam, dançam, jogam futebol, figurinha. Felipe começa a brincar com seu amigo de pique esconde e entra sem querer no almoxarifado da escola. Acha nessa sala uma filmadora e começa a filmar seus colegas no recreio pedindo a eles para falarem sobre a lei que transitava no senado.

Todas as crianças são contrárias à lei e argumentam sobre a importância desse tempo na escola: “Recreio é assim mesmo. Só 15 minutinhos, mas é a gente que manda!” – fala uma personagem do filme; “Essa é a nossa única hora de brincar” – acrescenta outra criança; “Se cortarem o recreio, vai sair metade de mim porque o recreio é a minha vida” – lamenta um menino com as mãos ocupadas pela bola de futebol.

O filme mostra que “na verdade, é o aluno mais do que a criança – de quem a escola se ocupa”, como aponta Sarmiento (2004). Ao dizer sobre a institucionalização da criança, na escola, Sarmiento (2004) aponta para uma desprivatização das crianças - desvinculação da proteção exclusiva dos pais e do espaço doméstico-, para serem instituídas como categoria social dos cidadãos futuros, em estado de preparação para a vida social plena. A criança se torna aluno e ganha um lugar específico para aprender a ser, a viver, a se comportar. Por isso, para esse autor, de algum modo, perante a instituição escolar, a criança “morre”, enquanto sujeito concreto, com saberes e emoções, aspirações, sentimentos e vontades próprias, para dar lugar ao aprendiz – ao aluno – como destinatário da ação adulta, a quem se esperam comportamentos prescritos, pelos quais é avaliado, premiado ou sancionado.

Ainda para este autor, a escola não foi pensada para crianças como seres atuais – que atuam no presente – mas sim, como seres futuros, um vir a ser. Observa-se hoje que, apesar de todas as transformações positivas nas condições de vida das crianças – em termos de atendimento materno-infantil, universalização do acesso à escola, leis que postulam sobre os seus direitos e buscam garanti-los – elas ainda são caracterizadas, nos espaços educacionais, por traços de negatividade: não são adultos, não possuem razão, não falam, não trabalham, não participam.

Analisando as disposições espaciais das cidades – ruas movimentadas, condomínios e apartamentos trancados e fechados- e as configurações familiares - muitos lares com filhos únicos- , percebemos que as crianças urbanas possuem cada vez menos lugares de convivência com outras crianças, de encontros reais, palpáveis, olhos nos olhos, não virtuais. A escola atual passou a ser para estes grupos lugar privilegiado das interações entre pares, portanto, contexto privilegiado de estudo das interações entre as crianças, da cultura que produzem entre seus pares, no mundo contemporâneo. Perto dos amigos, as crianças dialogam entre si, mostram seus interesses, descontentamentos, conflitos, desejos e conhecimentos. Elaboram regras, saberes, formas de lidar com o outro, de compreender o mundo, de participar da cultura e de transformá-la.

O filme, *O fim do recreio*, dá visibilidade ao que as crianças pensam sobre o recreio, evidenciando seu importante lugar nas interações. As próprias crianças mostram que quando estão com seus pares - sejam conversando, brincando, brigando, discutindo, disputando – estão também aprendendo. A proposta de retirar o tempo que as crianças “podem mandar” mostrada pelo filme não é tão insana. Quando a criança não cumpre a tarefa solicitada, desobedece a seus professores, briga com o colega, qual a primeira atividade que ela perde? O recreio. O que podemos apreender sobre o recreio escolar? O que essa pausa durante as aulas significa? Por que pesquisar o recreio?

### **O recreio como lugar de pesquisa da cultura de pares infantis**

Nos anos 1940, no Brasil, Florestan Fernandes ao pesquisar sobre o folclore e a mudança social no Estado de São Paulo, estudou as maneiras com que as crianças brincavam nas ruas e seus rituais de entrada nos grupos infantis. Observando as “trocinhas” nas ruas de São Paulo, Fernandes (1979) define a cultura infantil e o processo de sua formação. Para ele, a cultura infantil é “uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza

lúdica atual (p.171) e (...) sua formação se dá por elementos aceitos da cultura do adulto e por elementos elaborados pelos próprios imaturos” (p. 175).

Naquela época, Fernandes (1979), embora se refira às crianças como imaturos, já as afirmava como sujeitos produtores de cultura. Entre pares, nas trocinhas, o autor percebeu a elaboração infantil perante os valores da sociedade e a criação pelos “imaturos” de determinadas regras, princípios e rituais próprios do mundo infantil.

Com conclusões semelhantes, Corsaro (2011), ao estudar as crianças em instituições de Educação Infantil, percebe que as crianças não experimentam as informações do mundo adulto sozinhas, isoladas. Essa percepção é compartilhada, primeiramente por um adulto, na relação da família com a criança e depois entre as próprias crianças. O autor mostra também que as crianças se apropriam criativamente das informações do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares. E por isso, estudar a criança com seus pares possibilita compreender as culturas infantis.

Partindo do princípio de que é no recreio que as crianças do Ensino Fundamental estão autorizadas a brincar, podemos caracterizar esse espaço como livre da tutela do adulto e mesmo sendo dentro do rígido tempo escolar, não se caracteriza como tempo de trabalho, portanto, em certo sentido *desescolarizado*. Espaço arquitetado pelos adultos, projetado para a pausa existente entre as aulas. Como argumenta Delalande (2001) o recreio é um dos poucos espaços e tempos que as crianças encontram seus pares, sem muita vigilância dos adultos, e que compartilham seus conhecimentos, experiências, frustrações e brinquedos. Sendo assim, inspirados em Bachelard (1993), compreendemos esse espaço projetado como lugar de experiências, relações e criações dos pares infantis. O espaço do pátio, quando habitado e vivido pelas crianças, torna-se lugar. É no pátio da escola que as crianças se apropriam do espaço, transforma-o em lugar: marcam territórios, gritam, discutem, fazem amizades, transmitem oralmente seus conhecimentos, produzindo culturas entre os pares.

O recreio é uma *microsociedade* (Delalande, 2001) onde as crianças aprendem, entre elas mesmas, a interagir com o outro, a respeitar o outro, a ter tato, a ousar se comunicar, se colocar, a dividir seus lanches, brinquedos, angústias. Para essa autora, além de momentos prazerosos e lúdicos o recreio também proporciona a observação das crianças em sociedade, entre seus pares, com cenas conflituosas, de disputas, brigas e de lutas pelo poder e pelo espaço. Observar o recreio pela primeira vez pode parecer caótico: crianças correndo, gritando, lanchando ao mesmo tempo em que jogam bola, carregando em seus braços brinquedos diferentes. Crianças isoladas, quietas, sozinhas.

Crianças em bandos, solicitando ajuda para solucionar algum conflito. Crianças machucadas, com joelhos ralados, aos berros, culpando o colega por seu tombo. Crianças em roda, cantando antigas cantigas e dando muitas risadas.

Em seu estudo com crianças pequenas, Delalande (2009) diz que para nós, adultos, a recreação é uma alegre algazarra. Em sua pesquisa ela mostra que não é bem assim. Ao se aproximar das crianças brincando, entre seus pares, todos os tipos de relações tornam-se visíveis. Relações conflituosas, de disputas, de subalternidade, de violência. Relações amistosas, respeitadas, acolhedoras. Para essa autora, o recreio é um momento fundamental de aprendizagens, tanto no que diz respeito a relações sociais (assumir um lugar em um grupo, fazer amigos, arrumar namorados ou inimigos, se virar durante as brigas), quanto de uma cultura infantil (transmissão e transformação das brincadeiras, suas regras, do universo de ficção no qual as crianças mergulham, nas práticas de linguagem, na aquisição e elaboração da cultura daquele grupo).

Compreender o recreio como lugar de aprendizagens e de construção da cultura de pares é entender que a aprendizagem se dá entre as crianças, como dito anteriormente. Delalande (2009) fala de uma *socialização horizontal* em que há uma aprendizagem social entre as crianças. A criança é agente social: se socializa e aprende com seu par a regular suas relações, a se submeter a normas sociais e também a transgredi-las. Contrariamente a um discurso que narra a destruição da cultura infantil por um mundo mercantilizado e dominado pela informática, a observação dos pátios de recreio mostra a força de uma transmissão oral que enriquece a infância com tantos saberes, técnicas, prazeres e motivação que não são os da sala de aula.

O recreio é percebido como lugar de criação cultural, em que as crianças são proprietárias de elementos culturais quando estão no pátio. Vemos nesse tempo determinado, um dos poucos tempos em que a cultura escolar permite desenvolver a cultura infantil. Para Delalande (2001), observar a criança entre seus pares no recreio possibilita um novo olhar sobre as questões da educação e sobre a construção social e cultural da criança. Para ela o recreio é um local de experimentação das regras: é nele que as crianças as criam, as experimentam, as modificam e as entendem, tornando-se conscientes da necessidade das regras na sociedade. Ao longo do recreio, as crianças descobrem os requisitos para jogar junto, organizar o coletivo, ser aceitas entre seus pares. Aprendem comportamentos sociais de cooperação, solidariedade e exclusão. É no recreio que as crianças experimentam a vida coletiva, longe de seus pais, professores ou qualquer outro adulto.

Estudar as culturas de pares infantis demanda ter em mente o papel social das crianças, o que elas representam na sociedade e como atualmente elas são percebidas nas ciências sociais e humanas. Discutir a infância contemporânea requer observar as crianças atuais. Crianças situadas, contextualizadas, reais.

Pesquisamos crianças urbanas, que vivem em uma cidade grande - Rio de Janeiro - e que estudam numa escola situada na Zona Sul, num bairro visivelmente seguro, organizado, de classe média alta. Escola pública federal em que a maior parte das crianças acompanhadas na pesquisa não mora no mesmo bairro da escola em que estudam. Por ser uma escola pública, onde o acesso se dá por meio de sorteio, vemos que há crianças das mais diversas origens econômicas, sociais e culturais. Moradoras de diferentes bairros e zonas da cidade do Rio de Janeiro o encontro na escola se dá de diferentes formas. Provenientes de lugares distintos e de famílias desiguais, as crianças quando se encontram rompem com a distância geográfica, social e cultural imposta pelos espaços da cidade. Na pesquisa foram observadas crianças de 6 a 8 anos, estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, durante um ano letivo, de uma a duas vezes por semana.

Os grupos estáveis e organizados pelas crianças na hora do recreio são o interesse desse estudo. Antes de iniciarmos as análises das observações, fizemos um estudo exploratório com as crianças, usando uma atividade de escrita e desenho, em que elas apresentavam o recreio sob seus pontos de vistas.

Na pesquisa, as crianças foram observadas no coletivo, adotando uma perspectiva etnográfica, em contextos sócio-históricos-culturais concretos, assim como fez Fernandes (1979), Delalande (2001) e Corsaro (2011). Segundo James & Prout (1990) “a etnografia é uma metodologia particularmente útil porque permite captar uma voz mais direta das crianças e a sua participação na produção de dados sociológicos” (p.48). A perspectiva etnográfica em articulação com o conceito bakhtiano de exotopia permite ao pesquisador entender que sua tarefa é tentar captar algo do modo como o outro se vê – no caso as crianças-, para depois assumir plenamente o seu lugar exterior e dali configurar o que ele vê do que as crianças veem. Exotopia significa, assim, desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior (AMORIM, 2007, p.14). Assim, a tarefa do pesquisador é de primeiro estranhar o familiar, captar o seu ponto de vista para depois poder traduzi-lo, interpretá-lo.

Para auxiliar a observação, além dos registros de caderno de campo, também foram realizados registros em áudio e em fotografia e/ou vídeo. Ao observarmos as

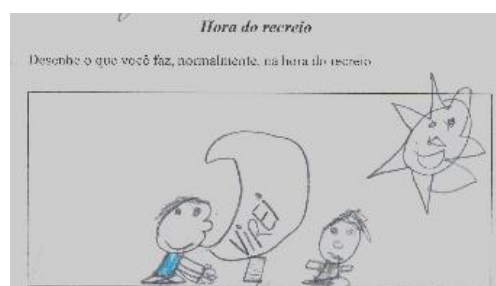
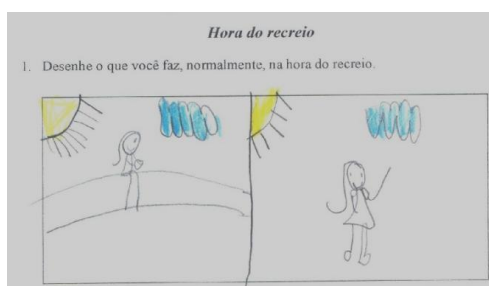


crianças em seus contextos sociais e culturais – aqui entendida como a hora do recreio - encontramos determinadas particularidades constituídas no grupo de pares infantis.

### As crianças no recreio

Em uma primeira aproximação, pedimos para algumas crianças, do segundo ano do Ensino Fundamental, responderem a três questões: i) o que fazem, frequentemente, na hora do recreio; ii) se há algo que acontece no recreio e que as deixam chateadas; iii) como seria o recreio de seus sonhos.

O que aparece como frequente é bastante variável. A maior parte das crianças escreveu que brinca com os amigos. O lanche aparece também como atividade principal que se faz nesse momento, considerando que é a única hora da tarde que eles podem comer. Algumas crianças se desenharam sozinhas ou pedindo a entrada em alguma brincadeira, como podemos verificar nos desenhos abaixo.



Na questão seguinte, a quantidade de respostas que envolvem brigas, xingamentos e a não permissão para brincar em determinadas brincadeiras e até mesmo a entrada em determinados grupos, nos mostra o quanto o recreio é tenso.

Para Delalande (2001) “eles retomam do mundo dos adultos o princípio de uma organização social autoritária e hierárquica, tal qual eles a vivem em suas famílias e nas instituições que os recebem, aspirando pouco a pouco um ideal igualitário que recebem na imersão num país democrático” (p.263). É no pátio da escola que as crianças têm a possibilidade de exercer a coletividade, a solidariedade, a união assim como a exclusão,

a disputa e os conflitos inerentes à sociedade em que vivem e atuam. A perda de algum artefato, por apostas no bafo ou simplesmente por uma distração, aparece também como algo negativo. Outra resposta que aparece diz respeito ao lanche. Algumas crianças colocam o pagar pelo que se come na hora do recreio como algo ruim. Pedem que a cantina seja de graça. Reivindicação legítima, já que se trata de uma escola pública onde a merenda escolar deveria estar garantida na escola.

Ao descreverem o recreio dos sonhos as respostas são as mais diversas. Desejos de todos os tipos são revelados: ganhar todas as figurinhas dos amigos, comprar o que quiser na cantina, ter uma quadra de futebol semelhante a uma quadra oficial, conseguir brincar com todos - com aqueles que restringem a entrada no grupo, ter uma sorveteria e uma piscina, fazer sempre gol contra o time adversário, disponibilidade de uma televisão no pátio da escola.



Os registros feitos pelas crianças sobre a hora do recreio auxiliou a condução do nosso olhar, a partir do momento em que suas críticas, percepções, observações sobre algo que antes era compreendido como lugar de prazer e amizade, nos fez questionar e ampliar nossa própria concepção. Nos fez estranhar aquilo que nos era familiar: o recreio.

Para esse trabalho, apresento duas questões gerais que permeiam a pesquisa: a primeira delas refere-se a como os grupos de pares infantis se organizam no espaço do pátio da escola e nele marcam seus territórios, e a segunda, a presença marcante de artefatos culturais referentes à mídia televisiva perpassando a cultura de pares.

### **Territórios marcados pelos grupos de pares: a criação de lugares**

As observações evidenciaram que o recreio é um momento privilegiado para identificar a organização das crianças em grupos, permitiram compreender como os grupos de pares são formados, como funcionam e como estão relacionados à situação do próprio brincar.

Delalande (2001) afirma que a constituição de pequenos grupos infantis – sem a interferência de um adulto – no espaço do pátio escolar permite o aprendizado de uma sociabilidade. As crianças aprendem a se virar, umas com as outras, numa confrontação que as obriga a gerir as relações humanas. As crianças descobrem relações de poder, entre os seus, que as obriga a tomar um lugar dentro do grupo de pares. Com isso, podemos observar a constituição de alguns líderes, de algumas crianças que se isolam na hora do recreio e o fortalecimento de determinados grupos em relação a outros.

Após um ano de observação, podemos inferir que há espaços marcados por determinados grupos no pátio da escola. Embora o pátio seja de livre acesso, onde as crianças podem transitar pelas áreas existentes – o pátio se constitui de quatro áreas grandes, separadas espacialmente uma da outra – há grupos de crianças que permanecem sempre no mesmo lugar. Um exemplo é o grupo de meninos que denominaremos de Grupo do Futebol das Pedrinhas.



Formado por cerca de dez meninos, esse grupo nos dias observados esteve sempre no mesmo lugar, no cantinho de um pátio repleto de pedrinhas. Seja jogando futebol, bafo ou com suas armas de brinquedos, esses meninos se apropriaram desse espaço de tal forma que só poderia nele permanecer quem eles permitissem.

Outro grupo que se destaca é o que podemos nomear de Grupo do 1º Ano. Constituído pelas crianças mais novas que as demais, poucas se aventuram a cruzar o portão que separa o primeiro ano do restante da escola. Mesmo sendo livres para explorar outros espaços, permanecem naquele lugar durante o recreio. O Grupo do 1º Ano é composto por cerca de 20 crianças, que variam suas formas de brincar e com quem se brincam, sem a separação de gêneros observada nos outros grupos e espaços do pátio.



Há também o Grupo das Meninas Baby Alive – referente a uma boneca que sempre está nas mãos de uma delas – que se encontram no pátio da cantina, com seus lanches, maquiagens e brinquedos. Dificilmente a encontramos em outro local do pátio. Sendo a mesa mostrada na foto abaixo propriedade desse grupo.



Os grupos apresentados não são os únicos encontrados pelo pátio da escola que conservam seus territórios a cada recreio. Poucos são aqueles que transitam no espaço do pátio sem lugar específico do encontro com seu grupo de pares. Mesmo às crianças que não são aceitas por determinados grupos – como, por exemplo, no Grupo do Futebol alguns meninos não entram na brincadeira, mas estão constantemente como plateia desse grupo e permanecem no mesmo lugar.

Seria essa a forma das crianças preservarem seu lugar de brincar, conversar, estabelecer relações e experiências? Separar-se dos demais e preservar seu lugar no espaço do pátio seria a forma de organização existente, entre os grupos de pares, de modo a defender o território de acessos de crianças que não pertencem ao grupo?

Delalande (2001) também observou nos pátios da pesquisa que alguns grupos de crianças eram estáticos e introvertidos, ficando sempre no mesmo lugar. Outros, mais desinibidos, querendo estabelecer relações com outros, fazendo assim grandes deslocamentos e conquistando o espaço do pátio.

O material de campo revelou que as crianças, entre elas, estabelecem uma ordem espacial, entre os grupos, onde cada um tem seu lugar marcado e respeitado pelos demais. Nenhum grupo de crianças foi confrontado pelos demais por ocupar determinado espaço no pátio. Mostrou que o pátio, mesmo sendo para todos, lugar de integração e encontro, é também lugar de separação, apropriação de um espaço que é coletivo, territórios marcados por determinados grupos de pares.

### **Os brinquedos, as mochilas, os acessórios e os desenhos animados**

Observando as crianças entre seus pares, vimos que muitos de seus brinquedos, mochilas e acessórios referem-se a um determinado personagem de desenho animado ou a um programa de televisão.

Em conversa com Diogo, ele me diz que não tem amigos. Ninguém brinca com ele porque ele não sabe e não gosta de jogar futebol. Sugerir a ele que trouxesse um brinquedo para oferecer aos seus colegas, assim ele poderia se aproximar de um amigo. Ele falou que tinha um jogo de varetas em casa, do Harry Potter e que sabia que havia um colega em sua sala que gostava muito desse filme. Mas, lembrou-se que sua mãe não o deixaria trazer para a escola, pois era um brinquedo novo e ele tinha o hábito de perder as coisas. Combinamos de ele trazer outros brinquedos. Ele se lembrou de um brinquedo, que já estava velho, do Luciano Huck. Ia perguntar à mãe se poderia levá-lo. (Caderno de campo, 31/08/2011)



Fotos do acervo da pesquisa: Os meninos e seus ninjas legos e as meninas e suas Monster High

Algumas crianças pegam carrinhos em miniaturas e começam uma “disputa”. O que conseguir lançar o carrinho mais longe é o vencedor, três crianças participam e discutem a forma de lançar o carro.

Criança 1 – O meu carro é o do Batman! (personagem infantil, que possui o batmóvel, carro bastante veloz).

Criança 2 – Ah, mas assim não vale! Você tá jogando ele pra ir mais rápido tem que empurrar!

Criança 3 – Ah isso aí não é justo, assim não vale!

Criança 1 – Ah tá bom, já vou parar, já vou parar. (Caderno de Campo, 02/10/2012)

Aprendemos com as crianças e seus brinquedos oriundos dos programas de televisão quais são os personagens do momento. Alguns são nossos conhecidos, como Batman e Homem Aranha, por exemplo. Outros, como o Bayblade e as Monster High, só conhecemos com elas. Ao perguntarmos as crianças de onde vieram esses brinquedos que não conhecemos como adultos, elas respondem, fazendo referência a desenhos animados.

Ao saírem da brincadeira, perguntei a um deles onde conheceu o brinquedo. “Vem de um canal, o Disney Channel, passa todos os dias de 8: 30 às 9:00 h. Você vai assistir?”(Caderno de campo, 08/05/2012)

Segundo Pereira (2009) a sonhada expropriação da história dos sujeitos e seus objetos pela cultura capitalista vai sendo alimentada pela lógica da industrialização. Para a autora, tomando Benjamin como referência, o processo de industrialização dificulta a compreensão da história da produção dos objetos, diferente da indústria artesanal, onde cada artesão é senhor de sua produção. Poderíamos pensar, que na sociedade contemporânea, cada vez mais nos afastamos desse processo de produção, ao escutarmos nos discursos das crianças de onde vieram os brinquedos. Perde-se o contexto da produção, a história de cada artefato, o longo caminho que trilharam até chegar às mãos das crianças. Para elas, os brinquedos, quando não derivam da TV, surgem da loja onde compram. É ainda Pereira (2009: p.05) que afirma “se a cultura capitalista sonha os sujeitos expropriados de sua história e se esforça em nos educar para que não nos reconheçamos em nossas produções, cabe, no *contrapelo* dessa lógica, recuperar a história das coisas e, na história das coisas, a história humana que lhes dá existência”.

O que as crianças sabem sobre o processo de produção dos artefatos que lhe são dirigidos? Brinquedos surgem como novidades, como até então não existentes na história da humanidade. Benjamin (2002), em seus escritos, mostra que os brinquedos, modernos e novos estão impregnados de vestígios das gerações mais velhas. Ao olhar para os artefatos culturais que aparecem no espaço do recreio temos nos deparado com objetos que nos remetem ao nosso tempo de criança. Percebemos objetos que não são os mesmos da época de nossas infâncias, mas que carregam uma dimensão funcional e um aspecto material que lembram os tradicionais brinquedos.

Como o Bayblade, por exemplo, que nada mais é do que um pião, com cores, sons e acessórios que até então inexistiam no objeto de madeira que girava e girava nas

mãos de muitas crianças. A novidade é que esse brinquedo, nos dias atuais, vem agregado de uma personagem.

Já as figurinhas da Monster High mesmo sendo provenientes de um desenho animado contemporâneo, criado em 2010 a partir da produção de uma linha de bonecas inspiradas em histórias de terror e ficção científica, trazem em sua história a própria história dos cards criados entre 1865 e 1900. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001), o hábito de colecionar cards foi iniciado por adultos. Era comum guardar os cartões de negócios distribuídos pelos vendedores locais e depois estes cartões passaram a ser objeto de desejo das crianças. Aos poucos os fabricantes de tabaco e bala começaram a presentear seus clientes com cards, iniciando a distribuição desses brindes como forma de atrair e garantir o consumo de seus produtos. Durante a Primeira Guerra Mundial, e um pouco antes dela, os cards eram utilizados para passarem mensagens políticas e sociais, que procuravam influenciar além de educar (p.286).

Nos anos de 1950, fotos de astros de cinemas começam a aparecer nos cards. Surgia, assim, a união com a indústria de entretenimento, associando personagens cinematográficos aos cards. Estes artefato cultural passou a estar presente nas relações culturais de consumo e troca. Para Steinberg e Kincheloe (2001) “a inocência de colecionar cards na infância fala ao prazer de adquirir, trocar, mostrar e possivelmente jogar” (p.306) com seus pares.

A cultura material da infância mostra concepções de infância e criança que o contemporâneo tem instituído. Uma infância atravessada pelo o que se vê na TV. Para Sarlo (2006) “a sociedade vive em estado de televisão”(p.81), sendo o “ouvido que as pessoas não encontram mais em outra parte” (p.78). A televisão faz parte da cultura, independente da classe social que a assiste, da idade, do gênero, do credo. A autora entende a TV como uma “mediadora sem memória” em que tudo que se passa nesse veículo de comunicação é facilmente esquecido entre um intervalo e outro.

Questionamos o esquecimento do que se vê na TV, pois percebemos que as crianças carregam em seus atos de brincar as maneiras de dizer das personagens da televisão, de agir, de atuar, de lutar. Os conhecimentos provenientes dos programas de TV garantem às crianças um pertencimento e um reconhecimento de seus pares. As crianças se reconhecem nos programas de TV e os reinventam ao brincar. No pátio fica evidente que a mídia provoca um desejo em todos de obter determinado jogo, brinquedo, apetrecho.

A TV faz parte da cultura e a criança é produto e produtora desta. Como nos alerta Benjamin (2002) a criança não é um ser isolado, separada do mundo e dos povos. Por isso assiste a TV e diante dela e de seus produtos, produz cultura, conhecimento, interpretações de mundo. Sabemos que a mídia permite uma abertura ao outro, em que podemos escutar outras palavras e ver outras faces e lugares até então não acessíveis. Entretanto, mesmo diante de tanto acesso, não chegamos ao “reino da independência e da igualdade simbólica”. Com a TV, “todos os desejos tendem a assemelhar-se, mas nem todos os desejos têm as mesmas condições de realizarem-se” (Sarlo, 2006: p.107). Muitos a assistem sem ter o que comer, onde dormir ou o que vestir. Isso a TV não mostra e tampouco os brinquedos provenientes de seus programas e desenhos animados.

### **Concluindo**

É no pátio da escola que as crianças vivenciam o ser cidadão, numa sociedade entre pares, podendo ser ao mesmo tempo excludente, seletivo, agregador. A opção de estudar o recreio, pedagogicamente considerado irrelevante, revelou a riqueza desse espaço que as crianças transformam em lugar de suas relações com as demais e criam regras, exploram diferentes saberes, aprendem com seus pares e compartilham sobre o que veem na TV e do que e como devem brincar.

Compreender o recreio como lugar de pesquisa da cultura de pares infantis, dentro da escola, possibilita perceber de que maneira as crianças, ao estarem entre seus pares, adquirem e (re) constroem regras e valores da sociedade e como se organizam, sem a interferência de um adulto, no intuito de garantir um lugar de relações prazerosas, lúdicas, amigáveis. Embora algumas crianças sofram nesse lugar (pelas exclusões que vivenciam, pela disputa entre um grupo e outro, pela não inserção de todos em determinados grupos), o pátio provoca uma coletividade que a sala de aula limita, proíbe, despreza. O recreio permite que se conheça as crianças e as relações que experimentam nesta microssociedade, sem a intervenção de um professor e sem o olhar vigilante de seus pais, as crianças revelam suas formas de estar no mundo e de compreendê-lo. As crianças são contemporâneas, conhece-las traz elementos para também nos conhecermos, e nos permite repensar o nosso lugar de adulto.

### **Referências Bibliográficas**

- ALVES, Luciana Pires. “(Entre)conhecer(es) cotidianos: aprender e pesquisar em vias bifurcantes como possibilidade de enfrentamento das injustiças cognitivas”. In: Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED. Online. 2011.
- AMORIM, Marília. *A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica*. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA Solange Jobim;



- KRAMER, Sonia. **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: editora 34, 2002.
- CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSARO, William. *Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças: diálogos com William Corsaro*. In: **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. Fernanda Muller, Ana Maria Almeida Carvalho (org). São Paulo: Cortez, 2009.
- CRUZ, Tânia Mara. *Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro*. **Educação e Pesquisa**. [online]. 2012, vol.38, n.1, pp. 63-78. Epub Feb 09, 2012.
- DELALANDE, Julie. **La cour de récréation. Contribution à une anthropologie de l'enfance**. Presses Universitaires de Rennes, 2001.
- DELALANDE, Julie. *Aprender entre crianças: o universo social e cultural do recreio*. In: Jader Janer Moreira LOPES; Marisol Barenco de MELLO. (org.) **O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis**, Rio de Janeiro, Rovel, 2009, p. 23-41.
- FERNANDES, Florestan. *As Trocinhas do Bom Retiro*. In: **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, Manuela. *Do Averso do Brincar ou...as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da (s) ordem (ens) social (ais) instituinte (s) das crianças no Jardim-de-Infância*. In: **Crianças e Miúdos. perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA Editores, 2004.
- FLÔR, Dalânea Cristina. *Formação continuada de professores: qual o lugar da criança?* In: **Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED**. Online. 2010.
- JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood, Contemporary Issues in the Study of Childhood**. London, The Falmer Press, 1990.
- MEDEIROS, Andréa Borges de. *Nas asas das borboletas os sentidos do tempo. Memória, tempo e narrativa de crianças no cotidiano da escola*. In: **Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED**. Online. 2011.
- NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. *Escolarização da infância: notas sobre história, concepções e políticas* In: **Anais da 22ª Reunião Anual da ANPED**. Online. 2009.
- OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. *O mundo das crianças do campo: narrativas e experiências na pesquisa com o cotidiano*. In: **Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED**. Online. 2010.
- OHLWEILER, Mariane Inês e FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Autoridade, infância e "crise na educação"*. In: **Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED**. Online. 2011.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Uma história cultural dos brinquedos*. In: **Revista Teias**. V. 10. N. 20. 2009.
- SARMENTO, Manuel. *As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.).

**Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da Infância e Educação.** Porto: Edições AS, 2004.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** Tradução de Sérgio Alcides. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SILVESTRI, Monica. *Enxadas às costas e latas de sardinhas: reflexões sobre o brincar no ensino fundamental.* In: **Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED.** Online. 2010.

STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joel L. (org.). **Cultura infantil; a construção corporativa da infância.** Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.